

Sarney revela-se apreensivo com dívida externa

Haroldo Hollanda

O presidente José Sarney tem informado aos políticos com os quais dialoga com maior frequência que o problema que o preocupa no momento é o da dívida externa. Confessa, no entanto, que na recente reunião mantida com economistas e ministros do seu governo, especializados na matéria, todos chegaram à conclusão de que o Brasil não tem condições de fugir a um acordo com os banqueiros e com o Fundo Monetário Internacional. A divergência entre esses especialistas situa-se apenas quanto aos caminhos a serem percorridos para alcançar o acordo com o Fundo Monetário Internacional e os banqueiros.

O presidente José Sarney explica que espera ter uma visão global do problema da dívida externa para poder tomar decisões a respeito do assunto, após encontros programados para breve com os empresários e em seguida com os banqueiros, os quais completarão a reunião realizada anteriormente com vários dos seus ministros e economistas de origens e convicções ideológicas as mais diferentes.

Não há, segundo políticos que convivem mais de perto com o presidente, qualquer vacilação de sua parte quanto aos rumos a serem imprimidos ao governo. Mas como a dívida externa é questão controversa, envolvendo análise demorada, o presidente Sarney não tenciona tomar decisões precipitadas ou de afogadilho. Ele pretende amadurecer o seu espírito, através das informações que vai colhendo, a fim de que quando for chegada a hora das decisões ela venha a fluir como reflexo de um vasto quadro da realidade e das aspirações nacionais, exprimido pelas suas lideranças mais responsáveis.

Apenas lamenta-se que o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, tenha até agora recebido com reservas e restrições a idéia de um pacto político, proposto pelo presidente José Sarney. De acordo com a opinião dos políticos mais identificados com o pensamento presidencial, ao pacto político se seguirá o pacto econômico e social. Não estaria assim havendo da parte do presidente do PMDB a necessária compreensão para o alcance e a importância do pacto político, concebido pelo presidente da República.

O senador Roberto Saturnino, do PDT, no curso de longa conversa mantida com o presidente Sarney a respeito do pacto político, diz ter chegado à conclusão de que ele pretende nele incluir também medidas de caráter econômico e social, como decorrência lógica do acordo a ser firmado com as diversas lideranças partidárias do País.

MIRAD Nelson Ribeiro não sai

Lideranças políticas importantes do governo não acreditam que o ministro Nelson Ribeiro, da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, venha a ser substituído, em virtude das reações registradas no meio político contra o seu plano de reforma agrária. Lembra-se, a propósito, que contrariamente às primeiras impressões, o sr. Nelson Ribeiro não conquistou a sua posição no Ministério, fruto exclusivo do apoio político recebido por parte do governador Jader Barbalho, do Pará. Até as vésperas da constituição do Ministério, tinha-se a nitida impressão de que o ministro da Reforma agrária seria o advogado amazonense Bernardo Cabral, mas a última hora ele teve o seu nome repentinamente substituído pelo do sr. Nelson Ribeiro. A escolha foi do falecido presidente Tancredo Neves e o que fez o pêndulo da história inclinar-se decisivamente em favor de Nelson Ribeiro foi o respaldo político e o voto de confiança nele depositado pela Igreja, através da CNBB.

Hoje, o deputado paulista João Cunha, do PMDB, toma o café da manhã com o presidente Sarney. Nessa ocasião, o parlamentar paulista, cuja base eleitoral situa-se na região agrícola de Ribeirão Preto, irá dizer ao presidente que o lançamento malfeito do plano de reforma agrária ameaça cindir o conjunto de forças formado quando da constituição da Aliança Democrática, pois joga os agricultores contra o governo. «Muitos deles já estão se armando» — adverte João Cunha. O deputado paranaense Walber Guimarães, do PMDB, depois de visitar 35 municípios do seu Estado, informa ter detectado reações contra a reforma agrária. E o deputado mineiro Humberto Souto, da Frente Liberal, chega a pedir a cabeça do ministro Nelson Ribeiro.